

REFLEXÕES SOBRE A TEORIA SOCIAL EM VILFREDO PARETO (1848*1923†)

Introdução

Vilfredo Pareto diz no *Trattato di Sociologia Generale* que a ideologia serve para defesa dos interesses particulares, isto é, de um grupo com interesses específicos (Cf. PARETO, 1916). O grupo que almeja perpetuar-se no poder vale-se da ideologia subjetiva e da ideologia utilitária, isto é, de um uso ideológico da teoria. Por exemplo, o partido político ou o político pode encontrar na ideologia a legitimidade subjetiva e o apoio utilitário para se perpetuar no poder.

O fascismo italiano e o nacional-socialismo alemão são dois episódios históricos oriundos da aplicação de ideologias que justificaram a permanência no poder de um grupo. O primeiro, se auto-introjetou a crença na nulidade do valor do indivíduo como indivíduo, enquanto o grupo do nazismo apelou para a raça, ariana, pura e superior que tinha direito ao poder para o bem da coletividade e o dever moral de depurar o entorno das raças degradadas que infeccionavam a sociedade alemã.

O estudo do pensamento sociológico de Vilfredo Pareto ganha relevância para o esclarecimento das interpretações essencialistas da sociologia na medida em que, sendo positivista, desempenha papel ativo no movimento de crítica do positivismo que teve lugar no início do Século XX na Itália (Cf. BOBBIO, 1986, p. 11), uma vez que haviam se tornado senso comum fazendo das minorias dirigentes e da inaptidão da massa para a política um fenômeno imutável.

* Doutorando em Sociedade e Cultura da Amazônia pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Mestre em Educação pela Faculdade de Educação (FACED) da Universidad Federal del Amazonas (UFAM), Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Salesiana Dom Bosco (FSDB), pesquisador cadastrado na Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e, também, no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Docente dos cursos de Pós-graduação na área de Políticas Públicas e Gestão Escolar oferecidos pelas IES do Estado do Amazonas, professor e pedagogo na Escola Estadual Professor José Bernardino Lindoso localizada no município de Manaus.

Vilfredo Pareto expressava que a sociologia não havia ainda se tornado uma ciência porque os sociólogos - também os positivistas - não haviam se libertado da velha ideia metafísica da existência de uma ordem racional no universo, ao contrário do que os sociólogos afirmavam, a maior parte das ações dos homens não são orientadas pela razão, isto é, os homens agem movidos pelos seus instintos e sentimentos, mas procuram dar uma explicação racional a estas ações (PARETO, 1923, v. 2, § 1401, p. 331).

O pensamento de Vilfredo Pareto sobre a elite é proveniente de sua concepção gnosiológica, tendo em vista que para ele, existem ações humanas lógicas, como as econômicas, e aquelas não lógicas como as sociológicas. As primeiras apontam para um fim de maneira subjetiva e objetiva, são racionais, enquanto que as ações não lógicas são guiadas por motivações sentimentais. É por isso, segundo ele, que as ciências humanas, de modo geral são caracterizadas por ciências de solução aproximativa.

Vilfredo Pareto identificava a explicação para o problema da relação entre fenômeno objetivo e sua aparência entre a biologia e a psicologia (BOBBIO, 1986, p. 39), no intuito de propor uma ciência da política de caráter histórico e realista, baseada no pensamento de Nicolau Maquiavel (1469* 1527†), capaz de transcender as formulações abstratas do positivismo vulgar, e, por esta razão, se distinguindo da filosofia da história, negando a toda e qualquer manifestação de idealismo.

O subjetivismo é marcante em sua obra. Vilfredo Pareto correlaciona o fenômeno subjetivo e objetivo nos indivíduos e por intermédio da ação dos mesmos tenta dar explicação às relações de poder na sociedade, ficando o Estado em plano secundário. Ao estudar os fenômenos sociais, considera sempre dois aspectos da ação humana, o objetivo, como se apresenta na realidade, e o subjetivo, como se apresenta ao espírito humano, mas trata ambos como subjetivos.

Vilfredo Pareto afirmava que “*não devemos nos enganar com os nomes dados a estes dois tipos de fenômenos (fenômeno objetivo e fenômeno subjetivo)*. Ambos são, na realidade, subjetivos, pois todo conhecimento humano é subjetivo, e eles se distinguem não por uma diferença de natureza, mas por uma soma mais ou menor de conhecimentos de fato” (p. 55). O modelo sociológico adotado seguia o velho aforisma comteano: todo real é racional.

O homem, seu tempo e seu pensamento.

Vilfredo Pareto (1848* 1923†), filho de Raffaele Pareto e Marie Méténier, nasceu em Paris em 1848. Na ocasião seus genitores viviam na França, pois Raffaele, por ser adepto das ideias de Giuseppe Mazzini (1805* 1872†), fora expulso da sua terra natal. Por conta de uma anistia decretada nos anos 1850 a família Pareto regressou a Itália em 1867 tendo Vilfredo realizado então seus estudos secundários. Posteriormente concluiu sua formação escolar na Universidade Politécnica de Turim.

Nasceu numa época que vai do *Risorgimento*¹ até a unificação da Itália em 1870 e, por isso, sua formação intelectual se dá num período de grandes revoluções sociais na Europa. Engenheiro trabalhou como diretor de uma companhia de estrada de ferro, mas voltou-se para o estudo da economia, da sociologia e da política. O contexto histórico de sua época, seu trabalho e formação intelectual, sem dúvida contribuíram para formulação de suas principais ideias e teorias.

Vilfredo Pareto pode ser conhecido por ter criado a *Teoria das Elites* e associado ao fascismo italiano, mas teve em sua vida alguma postura liberal, desvelando críticas a diversos intelectuais sobre a negligência da sociedade e a preponderância do Estado em seus estudos. Esse é o ponto que nos chama a atenção, Vilfredo Pareto fala de relações de poder e sua conservação e, ao mesmo tempo, pouco fala de Estado, prende-se apenas na relação do sujeito e a sociedade.

Geralmente, suas ideias podem ser classificadas na corrente do pensamento sociológico conhecida por *mecanicismo sociológico*, que se originaria no século XIX juntamente com o mecanicismo filosófico, influenciado pelo progresso das Ciências Físico-Químicas, alcançado no século passado XX. Vilfredo Pareto, assim como os demais mecanicistas, pensa sociologicamente com categorias da mecânica, mas também usa o pensamento matemático.

Os pressupostos de sua *Teoria das Elites*, que combinam matemática e

1 É o movimento na história italiana que buscou entre 1815 e 1870 unificar os pequenos Estados submetidos a potências estrangeiras. Na luta sobre a futura estrutura da Itália, a monarquia, na pessoa do rei do Piemonte-Sardenha, Vítor Emanuel II, da Casa de Saboia, apoiado pelos conservadores liberais, teve sucesso quando em 1859-1861 se formou a Nação-Estado, sobrepondo-se aos partidários de esquerda, republicanos e democráticos, que militavam sob a liderança de Giuseppe Mazzini (1805* 1872†) e Giuseppe Garibaldi (1807* 1882†). Na primeira fase do ressurgimento italiano, que se deu entre 1848 a 1849, se desenvolveram vários movimentos revolucionários e uma guerra contra o Império Austríaco, que na época possuía um número significativo de terras ao norte do território italiano (as províncias Trentino, Tirol Meridional, Trieste e Ístria estavam sob o domínio do Kaisertum Österreich), mas não alterou o status quo. A segunda fase do ressurgimento, que ocorreu entre 1859 e 1860, prosseguiu no processo de unificação e se concluiu com a declaração da existência de um Reino de Itália. O ressurgimento se completou em 20 de setembro de 1870 com a anexação de Roma, antes a capital dos Estados Pontifícios, que eram propriedade do Papa Pio IX.

mecânica com a observação, essencial aos fenômenos sociais, levaram Vilfredo Pareto a estabelecer uma metodologia que transformou a sociologia em ciência lógico-experimental. A sociologia, diz ele, deve se fundar não em dogmas ou em axiomas, mas na experiência e na observação. Desta forma propôs estudar os fatos sociais com único fim de descobrir suas uniformidades (leis) e as relações que os entrelaçam.

Em 1897 executou um estudo sobre a distribuição de renda e de riquezas em diferentes países, e por meio deste estudo concluiu que uma minoria das pessoas (20% da amostra) controlava a grande maioria da riqueza (80%). O modelo de análise foi adotado no mundo produtivo empresarial e ficou conhecido como o *efeito de Pareto*, um efeito que pode ser observado no Controle de Qualidade onde normalmente 80% dos problemas se originam de apenas 20% das causas².

Busino (1983 apud FREITAS, 2011) afirma que essa pesquisa é reconhecida como precursora do *estruturalismo genético*. Freitas (2011, p. 3) afirma que essa identificação remete a um trabalho de aproximação de suas formulações com os desenvolvimentos teórico-metodológicos desta corrente da sociologia, uma vez que seu prestígio contemporâneo é produto de muitas clivagens, acomodações e rupturas epistemológicas entre várias tradições do pensamento social.

Bouvier (1999 apud FREITAS, 2011) assevera que as teorias sociológica e econômica se inscrevem, hoje, em uma antropologia cognitiva, como o demonstram as pesquisas sobre a cognição que visam ultrapassar a teoria das escolhas racionais, já que esta, ao contrário das versões clássicas, aplica a noção de ação lógica aos comportamentos econômicos e sociais, enquanto as teorias paretianas elaboram uma ciência social geral, incorporando, por sua vez, estudos de ações lógicas e de ações não lógicas.

Vilfredo Pareto elabora uma *teoria sociológica* que contribuiu para a elevação desta disciplina ao estatuto de ciência que se recusa em atribuir um

2 Quando se fala em problemas e causas, uma das propostas de abordagem é o famoso Gráfico de Pareto (ou Diagrama de Pareto). O Diagrama de Pareto é utilizado para mostrar a ação do princípio. Os dados são dispostos de acordo com uma lógica derivada do estudo das funções que os poucos fatores que causam a maioria dos problemas podem ser observados. O Diagrama de Pareto, ou diagrama ABC, 80-20, 70-30, é um gráfico de barras que ordena as frequências das ocorrências de problemas, da maior ocorrência para a menor ocorrência, permitindo a priorização dos problemas, procurando levar a cabo o princípio de Pareto (poucos essenciais, muitos triviais) para resolver aspectos centrais da situação, ou melhor, há muitos problemas sem importância diante de outros mais graves. Sua maior utilidade é a de permitir uma fácil visualização e identificação das causas ou problemas mais importantes, possibilitando a concentração de esforços de resolução sobre os mesmos. Nossas pesquisas, realizadas até o presente momento, nos habilitam a afirmar que o famoso Diagrama de Pareto é uma das sete ferramentas que repousam sobre o estatuto epistemológico da Qualidade Total.

caráter utilitário a própria ciência produzida, mas antes tenta buscar a verdade independente de sua utilidade, e é isso que o faz distinguir como objeto da sociologia as ações não-lógicas. Ao estudar os fenômenos sociais, considera sempre dois aspectos da ação humana, o objetivo, como se apresenta na realidade, e o subjetivo, como se apresenta ao espírito humano.

O estatuto sociológico elaborado por Vilfredo Pareto sobre o homem é dominado e direcionado por certo subjetivismo, ou seja, o que advém do homem é subjetivo. Pareto (1984) ressalta que não devemos nos enganar com o qualificativo objetivo e subjetivo. Os qualificativos são, na realidade, subjetivos, pois todo conhecimento humano é subjetivo, e eles se distinguem não por uma diferença de natureza, mas por uma soma mais ou menos grande de conhecimentos de fato.

A *teoria econômica* de Vilfredo Pareto abandona a concepção empirista usada para analisar o fenômeno econômico, porque essa lhe dava, segundo ele, caráter abstrato³. De um lado porque sua crítica à teoria que repousa na crítica a economia política de Karl Marx, que tem a exploração no centro da construção da mais valia capitalista, provoca em Vilfredo Pareto o desafio de examiná-la a partir de sua discordância à teoria do valor trabalho e a distinção entre capital constante e capital variável.

O homem para Vilfredo Pareto não é um ser racional, mas um ser que raciocina tão somente, e, por conta disso, tenta atribuir justificativas lógicas para suas ações ilógicas deixando-se levar pelos sentimentos: “elle fournit la matière que met en ouvre la première; nous lui devons les connaissances qui renvent efficace l’action, et d’utiles modification ou sentiment, grâce auxquelles il s’adapte peu à peu, très lentement il est vrai, aux conditions de l’ambient”.⁴

3 O pensamento sociológico de Vilfredo Pareto parte da premissa que as ações humanas, ponto central de sua teoria sociológica, possuem inúmeras variações. Inicialmente, imagine um indivíduo chegando e entrando na sala, aproxima-se de uma cadeira, pedindo licença e sentando-se fazendo, ainda, alguns movimentos para se ajeitar. Seguindo os fundamentos da teoria sociológica paretiana, poderíamos afirmar que o homem agiu educadamente ao sentar na cadeira, pois (ele) “deve agir assim” (ou) “porque é o costume”; em ambos as variações da ação praticada, não é possível, segundo Vilfredo Pareto, racionalizar com precisão a ação “sentar na cadeira”; podemos, somente, dizer que a ação “sentar na cadeira” é uma ação não lógica porque não há um raciocínio lógico imediatamente relacionado. Outro raciocínio é empregado para descrever a ação de projetar e construir a cadeira. O homem que projetou e construiu a cadeira sabia o que ia construir e o material que teria que utilizar para que outro homem ao se sentar na cadeira não caísse. O indivíduo que projetou e construiu a cadeira, concebeu logicamente, a princípio, uma relação meios-fins na sua consciência que é a realidade subjetiva, projetando, assim, a cadeira.

4 Cf. Vilfredo Pareto. *Discours de Pareto (Jubilé 1917)*. Centre Walras-Pareto, Université de Lausanne. 2001, p. 3-5.

A teoria sociológica

A teoria sociológica de Vilfredo Pareto repousa nas mil cento e dezoito páginas do *Traité de Sociologie Général*. Um tratado considerado por muitos, segundo Freitas (2011), como precursor da sociologia sistemática e um dos primeiros a ter tentado dar conta das mudanças políticas e sociais em curso no seu tempo. É do debate sobre essas mudanças que emerge sua contraposição ao reformismo do século XIX e que resulta no enfrentamento teórico com o pensamento socialista.

A guerra civil europeia, que se tornaria mundial, e a situação da Itália após esse conflito, deprimem o entusiasmo de Vilfredo Pareto em relação ao comportamento das democracias, razão de sua aproximação ao socialismo nacionalista de Benito Mussolini. Esta aproximação política traria profundas implicações à compreensão do pensamento sociológico paretiano, fazendo com que ele se tornasse tributário da tarefa de especificar a natureza subjetiva das relações sociais. (FREITAS, 2011).

Vilfredo Pareto expõe no *Traité de Sociologie Général* (1916) a sistematização de um longo trabalho de elaboração de uma teoria sociológica cujas bases começam a ser expostas antes mesmo no *Cours de Economie Politique* (1897). Ele postulava que a sociologia, enquanto ciência lógico-experimental, não tem por objeto dar lições de moral, mas de constatar que os seres humanos disputam entre si as vantagens da existência e treinam de legitimar sua sede de enfraquecer o rival.

Os comportamentos humanos são as unidades fundamentais necessárias a explicação da produção da sociedade segundo a teoria sociológica paretiana. A forma e o fundo dos comportamentos humanos constituem o aspecto subjetivo por meio do qual os fenômenos sociais se apresentam: o aspecto subjetivo é a forma pela qual o espírito humano representa os fenômenos, representação geralmente deformada, ao passo que o aspecto objetivo é o feito real, constante, imutável.

Segundo Freitas (2011, p. 2 apud BUSINO, 1968, p. 135)⁵, a *teoria sociológica* de Vilfredo Pareto mostra que as ações sociais podem ser distinguidas em duas grandes categorias: primeira, as ações lógicas que são ao menos na sua parte principal, o resultado dos raciocínios, ou seja, são aquelas ações que usam de meios apropriados ao objetivo e unem logicamente os meios aos objetivos; segunda, as ações não lógicas que provêm principalmente de certo estado psíquico: sentimentos, subconsciente etc.

Freitas (2011, p. 2 apud BUSINO, 1968, p. 135) expressa, ainda, que as ações não lógicas são aquelas ações onde o nexos lógico entre meios e fins é inexistente. Outrossim, para que uma ação seja efetivamente lógica não é necessário que ele

5 Vilfredo Pareto, *Traité de Sociologie Général*. 1968, § 161; cf. G. Busino, p. 135.

tenha uma conexão, para o sujeito da ação, entre ação e objetivo; é necessário que a conexão entre ação e objetivo exista também “*para aqueles que tenham conhecimentos mais extensos*”⁶. Neste caso a ação é lógica objetivamente seja subjetivamente.

Delas e Milly (p. 48 apud FREITAS, 2011, p. 3)⁷ esclarecem: as ações não lógicas, denominadas por Vilfredo Pareto de *resíduos*, remetem aos instintos, as pulsões, as necessidades e variam segundo os indivíduos e as civilizações. Sobre estes resíduos vêm-se se grafar as *derivações*, quer dizer as ideologias, as construções pseudo-racionais que são as autojustificações. A potência das ideologias e das crenças têm aí um esclarecimento como causa das ações não lógicas.

O jogo social dos resíduos e das derivações formam as elites existentes em toda sociedade hierarquizada; as elites que conhecem a mobilidade, e que desaparecem nas sociedades hierarquizadas que são mortais. As sociedades hierarquizadas são formadas de dominantes e de dominados. Os dominantes que compreendem as elites estão em constante mobilidade, em circulação, subindo e descendo. O movimento de descida das elites termina no cemitério dos aristocratas.

Vilfredo Pareto⁸ expressa que os interesses impulsionam os indivíduos a se apropriar dos bens úteis, ou agradáveis para a vida, assim como procurar a consideração e a honra. Os interesses estão na base da circulação das elites e esta, por sua vez, é que move a história das sociedades pela mudança que provoca no poder, e não a luta de classes. Elas são também fundamentais para os processos de mobilidade social que equilibram a alternância de poder nas sociedades hierarquizadas.

Vilfredo Pareto postulava que a sociologia deveria fornecer uma base de análise mais sólida que a economia para a compreensão do comportamento humano, motivo pelo qual reformou o ensino de ciências sociais na Universidade de Lausanne (janeiro de 1911), separando o ensino das ciências comerciais das ciências sociais e econômicas. O seu posicionamento rejeitava o patrimônio comum, o positivismo, a abordagem utilitarista da ação, o esquema analítico meios-fins.

Giovanni Busino (apud FREITAS, 2011, p. 17) assinala, ainda, que Vilfredo Pareto é o único a recusar a inatingibilidade da racionalidade dada ao mundo histórico-social, a propor abordagens analíticas muito problemáticas, a se localizar na contra corrente da letra e do espírito dos paradigmas comuns, a excluir da vida ordinária a universalidade metodológica do princípio de racionalidade, lá onde a fé, os conflitos e a comunicação persuasiva se fazem hegemônicas.

Freitas (2011) assevera que a perspectiva de Giovanni Busino repõe no devido

6 Vilfredo Pareto, *Traité de Sociologie général*, 1968, §150.

7 Cf. J-P Delas e B. Milly. *Op. cit.* p. 48.

8 Vilfredo Pareto, *Traité de Sociologie général*, 1968, § 2009.

lugar o pensamento paretiano como uma produção intelectual de grande envergadura epistemológica na construção da sociologia. Da perspectiva dos que se dedicam à pesquisa do pensamento e da ação humana, a *teoria sociológica* produzida por Vilfredo Pareto é um empreendimento de investigação em curso, cujos desdobramentos sobre a questão social são ainda incontáveis e imprevisíveis.

O exemplo da ação relacionada à cadeira é emblemático. Vilfredo Pareto dizia que os homens dão razões lógicas não reais aos fenômenos sociológicos. O indivíduo que projetou e construiu a cadeira produziu uma ação lógica porque “as operações que estão logicamente associadas aos seus objetivos, não só com relação ao sujeito que as efetua, mas também com relação àqueles que possuem um conhecimento mais amplo, isto é, ações que têm, subjetivamente e objetivamente, o sentido acima explicado”.

Dessa maneira, o indivíduo que projetou e construiu a cadeira, concebeu logicamente, a princípio, uma relação meios-fins na sua consciência que é a realidade subjetiva, projetando assim a cadeira. Depois empregou uma ação na realidade objetiva, aplicando a mesma relação meios-fins produzida na realidade subjetiva, sendo o fim objetivo igual ao fim subjetivo.

Então, o indivíduo associou logicamente os meios aos fins, uso tal material para construir uma cadeira que agüente uma pessoa sentada. Na realidade objetiva o fim está logicamente associado ao meio. A cadeira resiste uma pessoa sentada porque o material da cadeira suporta realmente uma pessoa sentada. Dessa forma, o fim objetivo, uma cadeira que agüente uma pessoa sentada é igual ao fim subjetivo, uma cadeira que agüente uma pessoa sentada.

As ações estão quase sempre misturadas, sendo uma ação em grande parte não-lógica e em uma pequena parte lógica, ou vice-versa. Por isso que Pareto classifica as ações não-lógicas subdividindo-as em gêneros e assim podemos perceber graus de ações não lógicas que comportam por vezes partes lógicas. Para isso reconstruímos um gráfico de Pareto⁷ que se encontra reproduzido no livro do Aron.

Teoria das Elites

O pensamento de Vilfredo Pareto sobre a elite é proveniente de uma concepção que há ações humanas lógicas, como as econômicas, e ações não-lógicas, como as sociológicas, e, por conta disso, os fenômenos sociológicos são produzidos por múltiplas causas, ocorrem raramente, e lentamente, conseqüentemente, o pesquisador não consegue captá-los na totalidade; e, por fim, qualquer fenômeno sociológico relacionado ao sentimento não pode ser medido com precisão.

Há outro aspecto dessa concepção política: “é difícil conhecermos nossos próprios sentimentos, mais difícil ainda é conhecermos os sentimentos alheios (PARETO, 1980, p. 69), mas o homem, segundo Vilfredo Pareto, quer relacionar os sentimentos com uma determinada logicidade e, quando a lógica se estabelece, dão significado às ações por meio da moral, da religião e mesmo da filosofia. Disso derivam os resíduos e as derivações que são justificativas pretensamente racionais das ações.

Os resíduos são as manifestações observáveis dos sentimentos mediante ações e as derivações são o resultado da tentativa de racionalização dos sentimentos que produziram essas ações. Os resíduos e as derivações estão em interação recíproca e, por conta dessa biunivocidade, são os responsáveis pelo equilíbrio relacional entre os homens, combinando os interesses diversos e mesmo conflitantes diante de uma realidade social extremamente heterogênea (o Estado).

A partir desse axioma paretiano de heterogeneidade, podemos deduzir que há uma camada superior da sociedade, formada por uma elite detentora dos índices mais elevados dentro do ramo de atuação. Isso significa que na organização política do Estado, há a elite governamental que é um grupo minoritário que detém o poder de dar a direção política e econômica ao Estado e é uma constante na história das sociedades, e a elite não-governamental, que, por sua vez, é extremamente heterogênea.

Isso nos conduz epistemologicamente a crer que, segundo a concepção paretiana de organização política do Estado, há na sociedade os que são dominados por fins ideais, caracterizando-se por uma classe social dominada pelos sentimentos, por exemplo: as agregações etc., mas há também nessa mesma organização os políticos que querem trabalhar no interesse da população e, dessa maneira, são dominados pelo instinto das combinações.

Chatelet (1993, p.926-34) nos ensina que Vilfredo Pareto dividiu os políticos em dois substratos sociais: os que dominam a força física (Classe I) e os que se sobressaem intelectualmente (Classe II). Isso significa que para se perpetuar no poder, a elite política precisa cooptar indivíduos capacitados dentro da sociedade. Os indivíduos dotados da força não se deixarão cooptar, conseqüentemente, os astutos aceitam a cooptação e, por conta disso, ingressam em maior quantidade na elite.

Conclusão: os talentosos se tornaram majoritários ou, no mínimo, hegemônicos. No entanto, dentro da sociedade cresce a elite dos fortes que forçam a entrada para a elite política, formando uma contra-elite e, quando se sentem suficientemente fortes, promovem uma evolução e ascendem à elite formando um governo de classe

II. Com o passar do tempo também precisam renovar-se e novamente se reinicia o processo. É a teoria da circulação das elites.

Busino⁹ retoma a teoria das elites de Pareto e comenta: “É o eterno ciclo opressores e oprimidos, elites x massas, é a sucessão de fenômenos que se renovam em uma ordem imutável sem solução de continuidade; os fenômenos sociais não se reproduzem jamais na mesma ordem, pois eles são sujeitos aos efeitos de retorno, à retroação ao feed-back, no qual a presença criou uma situação onde a regulação fica possível. Nos fenômenos sociais é este bem o ponto que joga em favor da racionalidade.

Vilfredo Pareto nos conduz a pensar que elite é a algo natural, que independe da vontade humana e está acima dela. A elite não se faz nem se adquire. É um dado. Por isso, o político é uma realidade independente da vontade da comunidade e, conseqüentemente, seu agir independe do crivo da comunidade. Ele não é escolhido, mas dado pela natureza e, assim, pode prescindir da comunidade. Como não está no poder, mas é poder, justifica-se a perpetuação no poder.

Algumas possíveis considerações finais.

Vilfredo Pareto procura formular por meio do processo *lógico-experimental*, as relações invariantes entre chefes políticos e militantes e entre governantes e governados, reconhecendo a existência de elites em todas as atividades sociais, procurando observá-las independentemente de uma perspectiva moral. Neste sentido, considera que a *classe governante e o governo efetivo* tanto usam a força, pela coerção, como o consentimento manipulado, mediante a *arte política*.

Os governantes usam as técnicas para estarem no poder, e como estas raramente se reúnem na mesma pessoa, gera-se uma *circulação de elites*, entendida como a passagem da elite não governamental para a elite governamental, dado que a elite não é estática, vivendo uma situação de transformação que embora lenta seja contínua. Toda essa perspectiva se assenta no dualismo *elite versus massa*, uma variante psicologista que pretendia substituir o dualismo economicista de Karl Marx.

Os fundamentos da *Teoria das Elites* nos conduz a concluir que historicamente o poder se concentra nas mãos de um grupo restrito (a elite). Os defensores da perpetuação no poder não faz sentido o pluralismo político ou a democracia horizontal e é por isso que o modelo seria uma espécie de pirâmide política, semelhante à pirâmide

9 Cf. Giovanni Busino, p. 19. Vilfredo Pareto, *Traité de Sociologie Général*. 1968, § 161; cf. G. Busino, p. 135

econômica. Sempre haveria uma oligarquia no poder, embora a sociedade seja constituída de individualidades díspares.

Não há dúvidas que a *Teoria das Elites* se põe como uma maneira de explicar o fenômeno da perpetuação de um partido ou grupo no governo, que se imbuí da idéia de que é elite e, por isso decide permanecer no comando político do Estado. Vilfredo Pareto salienta, ainda, que se o fim da ação for à permanência no poder, e isso for justo para o governante porque é elite, também é justo, no pensar dele, prover-se dos meios para concretizar tal objetivo.

Diante disso, pensamos que uma reflexão sobre a Teoria das Elites seja válida desde que se leve em conta o seguinte: não há algo especial, um dom, que faça de alguém elite porque, ocasionalmente, detém o poder num determinado tempo e espaço. Não é por ser elite que alguém ocupa o topo da política, mas pelo inverso: porque ocupa o governo é que é elite.

A ideologia da perpetuação no poder pode encontrar guarida na Teoria das Elites desde sua formulação mais radical, de ser natural assim, até na sua formulação mais branda, da renovação democrática das elites.

Referências Bibliográficas

- ARON, R. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ASOR ROSA, A. “La cultura”, in Storia d’Italia, v. 4, tomo II, Einaudi, Torino, 1975
- BARATTA, G. Le rose e i quaderni - il pensiero dialógico di Antonio Gramsci. Roma, Carocci/IGS, 2003.
- BOBBIO, Norberto. Perfil ideológico del Novecento italiano, Torino: Einaudi, 1986.
- BONETTI, Paolo. Il Pensiero Político di Pareto. Bari: Laterza, 1994.
- BURNHAM, J. The Machiavellians, defenders of freedom. Chicago: Gateway, 1963.
- BUSINO, G. “Introduzione”. In PARETO, V., I Sistemi Socialisti. Torino: UTET, 1974.
- CACCIATORE, G. Filosofia della prassi e marxismo critico. In: Atti del III Convegno della IGS: “Antonio Gramsci, un sardo nel ‘mondo grande e terribile’”, Cagliari-Ghilarza-Ales, 2007. disponível em www.igsitalia.it. Consultado em 16/07/2010.
- CERRONI, U. Teoria política e socialismo. Lisboa: Europa-America, 1976.
- CHATELET, François. Dicionário de Obras Políticas. Tradução de: Glória de C. Lins e Manuel Ferreira Pinto. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993.
- COUTINHO, C. N. “Scienza della Política”, in LIGUORI, G.; VOZA, P., Dizionario Gramsciano, Roma, Carocci, 2009.
- FILIPPINI, “Gramsci e le Scienze Sociali”. In: Atti del III Convegno della IGS: “Antonio Gramsci, un

sardo nel ‘mondo grande e terribile’”, Cagliari-Ghilarza-Ales, 2007. disponível em www.igsitalia.it. Consultado em 16/07/2010.

FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. Pareto e a Questão Social: elementos para uma discussão acerca dos sistemas de solidariedade. Manaus: UFAM, mimeo, 2011.

GRAMSCI, A., Quaderni del Carcere, v. 1, Torino, Einaudi, 2007.

_____. Lettere dal carcere. Turim, Einaudi, 1977.

KANOUSI, D. “Nota breve sul Machiavelli dei Quaderni del Carcere”, in Atti del III Convegno della IGS: “Antonio Gramsci, un sardo nel ‘mondo grande e terribile’”, Cagliari-Ghilarza-Ales, 2007. disponível em www.igsitalia.it. Consultado em 16/07/2010.

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe: edição bilíngüe. São Paulo: Hedra, 2007.

MEDICI, R. La metáfora machiavelli – Mosca, Pareto, Michels, Gramsci. Modena: Muchi, 1990.

PARETO, Vilfredo. Trattato di sociologia Generale. Firenze: G. Barbera, 1923.

_____. I Sistemi Socialisti. Torino: UTET, 1974.

_____. Manual de Economia Política. São Paulo, Abril Cultural, Col. Os Economistas, 2 volumes, 1984.

SUPPA, S. “Politica”, in LIGUORI, G.; VOZA, P., Dizionario Gramsciano, Roma, Carocci, 2009.